

W ou o testemunho da infância

W or the testimony of the childhood

Jacques Fux

Harvard University/Universidade Estadual de Campinas – Massachusetts/Campinas – Estados Unidos da América/Brasil



Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o testemunho especial de Georges Perec em seu livro *W ou a memória da infância*. Perec, ao perder seus pais durante a *Shoah*, era muito pequeno para ter uma compreensão total dos acontecimentos, mas não era suficientemente jovem para ficar completamente alheio ao que se passava. Assim, diante desse trauma de infância, Perec compõe uma obra repleta de enigmas, restrições, jogos e ficções que pode ser lida através de uma via testemunhal.

Palavras-chave: Testemunho; Infância; Georges Perec

Abstract: This article discusses a special testimony given by Georges Perec in his book *W or the memory of childhood*. When he lost his parents in the *Shoah*, Perec was too small to have a complete understanding of the events, but he wasn't so young as to stay completely alienated while the events were taking place. Thereby, to face his childhood trauma, Perec composed a work with full of enigmas, restrictions, games, puzzles and fiction that could be read in a testimonial way.

Keywords: Testimony; Childhood; Georges Perec

Introdução

A rica e enigmática obra do escritor franco-judeu Georges Perec, repleta de restrições, jogos e mistérios em sua estrutura e linha narrativas, vem sendo estudada especialmente após sua morte prematura em 1982. Membro do OULIPO, fascinado pela matemática e disposto a trabalhar exaustivamente diante de uma estrutura rígida e restritiva proposta por ele ou pelos seus colegas de grupo, a obra de Perec pode ainda ser estudada pelo viés testemunhal. Ao escrever *W ou a memória da infância*, Perec mistura ficção, memória, infância e autobiografia e o resultado é um livro que permite analisar profundamente as implicações da *Shoah* em sua narrativa. Nesse livro, o escritor conta as suas memórias de infância encadeadas pelo nazismo e por um país chamado *W* que seria uma alusão à estrutura alemã durante a *Shoah*.

W ou memória da infância tem a seguinte epígrafe de Raymond Queneau: “essa bruma insensata em que se agitam sombras, como eu poderia clareá-la?” (QUENEAU *apud* Perec, 1995a:7). Assim Perec começa mais um de seus projetos: clarear e reviver suas sombras e memórias de infância. Sua ambição também é grande:

“minha ambição de escrever seria a de percorrer toda a literatura do meu tempo sem jamais ter o sentimento de voltar nos meus passos ou de caminhar novamente pelos meus próprios traços e de escrever tudo o que é possível a um homem de hoje escrever: livros grandes e curtos, romances, poemas, dramas, livretos de ópera, romances policiais, romances de aventura, romances de ficção científica, folhetos, livros para crianças” (PEREC *apud* BURGELIN, 1988:11). Com o intuito de clarear suas sombras (insensatas), lembranças, recordações e invenções, Perec escreve. Escreve para se percorrer e tentar entender os acontecimentos mais importantes de sua vida.

Ler atentamente *W ou memória da infância* “permet de remonter à la source existentielle du vide, du manque, qui est à la base des rapports de Perec avec le réel et qui motive les particularités de son projet réaliste ainsi que son recours aux contraintes formelles” (MONTFRANS, 1999:153). Assim é necessário que o *leitor ideal* seja capaz de se empenhar ainda mais para descobrir o vazio, a falta e as restrições de Perec.

Perec gosta de ludibriar e brincar constantemente com seus leitores. Propõe jogos, cria enigmas, brinca com

a língua e com a linguagem sempre esgotando todas as possibilidades literárias. Ao revelar sua ambição como escritor, não expõe um dos seus mais fortes temas: o de escrever/testemunhar a sua relação com a *Shoah*, “evento que justamente resiste à representação” (SELIGMANN-SILVA, 2003:373). Ao escrever sobre o que o resiste à representação, ao trabalhar com a linguagem e com as estruturas restritivas, Perec quer testemunhar esse ‘real’ inacessível. Mas como seria esse testemunho de Perec e como continuar a escrever após tamanha catástrofe? Seria um ato de barbárie, como postulou Adorno¹? Em *Je suis né*, Perec dá uma dica do que (e como) está realmente buscando: “A questão não é nem ‘por que continuo?’ nem ‘por que não posso continuar’ ... mas ‘como continuar?’” (PEREC *apud* SULEIMAN, 2006:178). A escrita, em Perec, é necessária e fundamental para enfrentar seus fantasmas e, assim, compõe uma obra distinta e peculiar que trabalha e discute diversos problemas relacionados à literatura e também ao testemunho. Sua literatura “va à l’encontre de l’anamnèse, de l’évocation volontaire du passé de l’autobiographie traditionnelle, basée sur la croyance en la permanence d’un moi individuel, dont l’intériorité est antérieure” (MONTFRANS, 1999:153).

Já que Perec não viveu em nenhum dos campos de concentração, seus escritos não se enquadram no que conhecemos como testemunho primário. Também, como não é filho de sobreviventes, seus escritos não são vistos como um testemunho secundário ou de segunda geração. Mas, infelizmente, a *Shoah* está diretamente ligada à sua criação, cultura e a seus traumas, como escreve:

Não tenho nenhuma memória da infância. Até os doze anos mais ou menos, minha história se resume em poucas linhas: perdi meu pai aos quatro anos, minha mãe aos seis; passei a guerra em diversos pensionatos de Villard-de-Lans. [...] “Não tenho recordações da infância”: eu fazia essa afirmação com segurança, quase com uma espécie de desafio. Não precisavam me interrogar sobre essa questão. Ela não estava inscrita no meu programa. Estava dispensado dela: uma outra história, a Grande, a História com H maiúsculo, havia respondido em meu lugar: a guerra, os campos de concentração (PEREC, 1995a:13).

A literatura de testemunho vem sendo estudada com o objetivo de registrar e estudar acontecimentos extremos: “qualquer fato histórico mais intenso permite – e exige! – o registro testemunhal tanto no sentido jurídico como também no sentido de ‘sobrevivente’” (SELIGMANN-SILVA, 2003:9). Os escritos e a literatura dos sobreviventes

são permeados por diversas características presentes no testemunho primário: literalização, fragmentação, busca pelo ‘real’, historicidade e ficção. O discurso secundário, que se refere aos filhos dos sobreviventes que nasceram depois da guerra, mas que foram profundamente marcados por esse acontecimento devido à sua criação, possui ainda outras características: dificuldade de entendimento e relação com o sobrevivente, experimentação do silêncio em relação ao passado e carência afetiva.

Já Perec, por não se enquadrar diretamente em nenhuma dessas duas classes, mas com características similares, é descrito por Susan Suleiman, em seu livro *Crises of memory and the Second World War*, como testemunho da geração “1,5”, sobretudo ao se estudar o *W ou a memória da infância*. Quais seriam, portanto, as propriedades desse testemunho? Como isso reflete em sua literatura? Qual a importância que a *Shoah* tem em sua infância e em sua obra? Como relacionar as memórias da infância com as memórias de um testemunho? Este artigo, então, tem como objetivo estudar algumas relações encontradas nas memórias da infância de Perec com o seu testemunho especial.

Testemunho

Testimony is always of necessity individual; but if it refers to a collective historical trauma, it will, also of necessity, be about more than the experience of a single person. While it represents (in the sense of representing, making visible) the unique perspective of the one who says “I,” testimony in such a case also represents in the sense of being exemplary, of “standing for”. The single witness, even while recounting his or her own experiences, represents all those who were in a similar position in the same time and place (SULEIMAN, 2006:134).

Georges Perec representa uma geração de crianças, que se tornaram escritores, que perderam seus pais durante a *Shoah*. Ao escrever anos depois dos fatos, Perec descreve o trauma coletivo do qual foi membro importante. Ao se utilizar de restrições para escrever, Perec está discutindo necessariamente os limites da linguagem ao narrar um evento desse porte. Limitação, falhas, lapsos e erros tentam traduzir, através das restrições, a impossibilidade (e necessidade) do testemunho.

De acordo com Jacques Derrida e Gilles Deleuze, o *Evento* é o sentido que desperta a escrita, apesar de interpretações diversas serem possíveis para representar o mesmo acontecimento. Marcado pela *Shoah* e membro da geração 1.5, Perec cria o seu testemunho recheado de estruturas restritivas e referências escondidas. Literatura seria o espaço da diferença que move e distingue os

¹ “Escrever um poema após Auschwitz é um ato de barbárie, e isso corrói até mesmo o conhecimento de porque hoje se tornou impossível escrever poemas” (ADORNO *apud* SELIGMANN-SILVA, 2003:31).

significados dos momentos, segundo Derrida, e pode ser encontrado na escrita inventiva de Perec.

Para explicar o conceito de *Event*, Alan Badiou cita alguns dos axiomas de Deleuze que podem ser incorporados à estrutura restritiva de Perec:

Axiom 3: The event is of a different regime than the actions and passions of the body, even if it results from them.

Axiom 4: A life is composed of a single and same Event, lacking all the variety of what happens to it (BADIOU, 2006).

Para Badiou, portanto, os efeitos do evento podem variar de acordo com o indivíduo. O *Evento* é o diferenciador das ações, memórias e das paixões. Assim, em Perec, o *Evento* desencadeador da sua literatura restritiva, sobretudo em *W ou a memória da infância* é a *Shoah*. *Shoah* para Perec não é o que aconteceu em sua vida, “but what is in what happens, or what happens in what happens, such that it can only have a single Event” (BADIOU, 2006). A essência do *Evento* aparece nos escritos de Perec de forma única e potencialmente testemunhal.

Inicialmente temos as seguintes características atribuídas à literatura de testemunho, como definiu o professor e pesquisador Márcio Seligmann-Silva, e que podem ser encontradas em *W ou memória da infância*:

1) *O evento*: a *Shoah* aparece como o evento central da teoria do testemunho. Desde os anos de 1980 ele vem sendo cada vez mais caracterizado por sua radicalidade e conseqüente singularidade. Partindo dessa característica desenvolveu-se um dos *topoi* nas pesquisas sobre testemunho, a saber, o da singularidade e não possibilidade de comparação entre a *Shoah* e outras catástrofes, ou seja, afirmou-se a sua radical unicidade. [...] Devido à singularidade/unicidade a *Shoah* estaria “para além” de toda compreensão.

2) *A pessoa que testemunha*: ela é muitas vezes pensada na chave da noção freudiana de trauma ou dentro de abordagens lacanianas – quando se enfatiza a noção do real como algo que não pode ser simbolizado. [...] A noção de testemunha primária normalmente é aplicada ao sobrevivente.

3) *O testemunho*: *literalização* e *fragmentação* são duas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis) do discurso testemunhal. Ele é ainda marcado por uma tensão entre *oralidade* e *escrita*. Esta noção pode ser pensada também em termos psicanalíticos, se nos recordamos da pessoa traumatizada como alguém que porta uma recordação exata do momento do choque e é dominada por essas imagens que sempre reaparecem diante dela de modo mecânico, involuntário.

4) *A cena do testemunho*: ela tende a ser pensada antes de mais nada como a cena do tribunal: o testemunho cumpre um papel de justiça histórica. [...] A segunda cena característica é mais individual e vê o testemunho como um momento de perlaboração do passado traumático.

5) *A literatura de testemunho*: a noção de literatura de testemunho é mais empregada no âmbito anglo-saxão também devido ao influxo dos estudos literários latino-americanos. [...] Na Alemanha, autores têm variado a ênfase ao tratar dessa literatura: como parte da *teoria da memória* [...] e da *teoria da representação* no âmbito literário artístico (SELIGMANN-SILVA, 2005:84-86).

Ao criar um país único e singular chamado W, Perec está recriando a estrutura alemã e nazista que permitiu a *Shoah*. Seu pano de fundo é a extrema crueldade e as implicações que o nazismo provocou em sua vida, e que está *além* de toda sua compreensão. Ao não se lembrar de todos os acontecimentos de sua infância, ao repetir a todo momento a imagem de sua mãe se despedindo dele na estação de trem, ao tentar simbolizar essa memória e esse ‘real’ a partir da escrita, Perec está diante de seu trauma de infância: o desaparecimento precoce de seus pais.

W, que começou a ser escrito em 1969, somente é finalizado após seis anos de trabalho e só foi possível graças às sessões de psicanálise que Perec teve com J. B. Pontalis. O relato de *W*, à medida que a história se passa, é repleto de lacunas, fragmentos e invenções. Perec quer se lembrar, mas não é capaz: por isso reconstrói um país e uma história tentando encaixar as peças faltantes de seu puzzle memorialístico fadado, infelizmente, ao fracasso. Ao trabalhar com restrições, jogos e enigmas, Perec discute a possibilidade de controlar a própria literatura, de dominar a estética da recepção, de conduzir o leitor ao caminho restritivo desejado, o que nunca é alcançado. Esse também é o seu próprio fracasso enquanto testemunho: repleto de historicidade, ficção e memórias falsas, seus escritos conduzem a uma peça faltante de um enorme quebra-cabeça. Mas, mesmo diante da impossibilidade de dizer, há a necessidade de dizer, como faz Perec à sua maneira:

W or the Memory of Childhood did not break with Perec’s experimental mode of writing; but in this work, what appeared as purely formal experimentation in earlier works takes on a profound existential significance. Doubling, splitting, discontinuity, and absence become not only signs of the work’s formal ambition but also signs imbued with personal and historical meaning, related to the nature of childhood memory and of traumatic separation and loss experienced in childhood (SULEIMAN, 2006:186).

Assim, a partir de sua escrita experimental e restritiva, Perec aborda temas importantes e pessoais como infância, trauma, separação e memórias. Escrever, silenciar, expressar o indizível e buscar constantemente a possibilidade de alcançar o ‘real’ traumático são preocupações dos escritos de testemunho. Mas seria possível dizer e trabalhar com o indizível do testemunho, como Perec o faz? Sim, como escreve Suleiman:

Lejeune is certainly right about the inexhaustibility of the subject, as well as about Perec’s oblique approaches to it. However, I think we need a moratorium, or even a downright taboo, on the use of the word “unspeakable” in connection with the Holocaust. If a thing is spoken about, however obliquely, then it is not unspeakable – on the contrary, it may be object about and around which one can never stop speaking. Speaking can take many forms; sometimes, as popular wisdom has it, silence speaks louder than words (SULEIMAN, 2006:188).

W ou a memória da infância tem duas partes – a primeira onde Perec relembra e recria suas memórias de infância e a segunda onde descreve um mundo fantástico chamado W, que é uma metáfora ao regime Nazista. Na primeira parte, Perec lembra da sua separação traumática de seus pais, sobretudo de sua mãe, e a partir desse momento tenta recriar o tempo que viveu junto a essas pessoas mais importantes de sua vida. Já na segunda parte, apesar de trabalhar com a fantasia de um mundo W, repensa a estrutura ridícula e abominável do Nazismo. Essas duas partes são recriações ficcionais de sua própria memória e de seu conhecimento da História Concentracional.

W ou a memória da infância alterna a apresentação das partes. É importante notar que ambas as narrativas usam o “Eu” para descrever a “montagem” desses mundos memoriais, ficcionais e históricos. De acordo com Philippe Lejeune, essa montagem era totalmente desconhecida antes da criação de Perec. Lejeune enfatiza que Perec “was not looking for novelty” – rather, he “found it impossible to do otherwise” (LEJEUNE, 1991:39). Essa obrigação domina as restrições de Perec tentando entender ou criando uma forma testemunhal restritiva para compreender o que se passou com os judeus, e com crianças como ele, durante a *Shoah*. Vemos, portanto, um escritor inventivo à procura de uma forma de expor o *Evento* e narrar seu trauma particular e coletivo.

Dessa forma, apesar de tentar esconder o seu testemunho e de falar o indizível, Perec nunca deixa de se exprimir, seja através das restrições, seja através de seus silêncios e eliminações (como é o caso do *La disparition*).

Porém, além das dificuldades inerentes a qualquer pessoa que passa por uma situação traumática, há em

Perec a questão da infância. Os principais acontecimentos de sua vida ocorreram em sua tenra juventude existindo, portanto, limitações memorialísticas em relação a essa idade. Quando Perec tinha somente quatro anos, seu pai morreu no fronte de Guerra e um ano e meio após, com cinco anos, sua mãe despediu-se dele na *Gare de Lyon*: Perec foi enviado num comboio da Cruz Vermelha aos Alpes, perto de Grenoble, para viver com seus tios e nunca mais viu sua mãe. Esses acontecimentos são descritos em *W*, embaçados pela bruma insensata das sombras e das lembranças. Assim Perec segue escrevendo, fantasiando e criando essa sua infância traumática:

Minha infância faz parte daquelas coisas das quais sei que não sei grande coisa. Ela está atrás de mim, no entanto, é o solo sobre o qual cresci, ela me pertenceu, seja qual for minha tenacidade em afirmar que não me pertence mais. Por muito tempo procurei afastar ou mascarar essas evidências, encerrando-me na condição inofensiva do órfão, do não gerado, do filho de ninguém. Mas a infância não é nostalgia, nem terror, nem paraíso perdido, nem Tosão de Ouro, mas talvez horizonte, ponto de partida, coordenadas a partir das quais os eixos de minha vida poderão encontrar seu sentido (PEREC, 1995a:20).

Em seu artigo “Robert Antelme ou la vérité de la littérature” publicado em 1963, Perec discute as limitações da literatura testemunhal. Segundo ele, a literatura seria limitada e fraca para se trabalhar com *Evento* traumático como a *Shoah*. É necessário dispor de novas ferramentas para descrever o fenômeno “concentrationnaire”. Assim escreve: “la littérature ne pourra jamais en donner qu’une expression inauthentique et impuissant, ou si l’on pense que l’expérience d’un déporté est incapable, en elle-même, de donner naissance à une œuvre d’art” (PEREC, 1992:174). Testemunhar é um ato e um esforço com o intuito de entender, apesar de que “les témoignages étaient inefficaces [...] il s’agissait d’exprimer ce qui était inexprimable” (PEREC, 1992:176). Perec, portanto, inventa uma nova forma (e novas ferramentas) para testemunhar e escrever, aumentando as possibilidades literárias, memorialísticas e históricas.

Em *W ou a memória da infância*, Perec diz não ter memórias de infância. Ao dizer isso já no início do livro, Perec, a sua maneira inventiva e restritiva, já questiona o status ficcional da autobiografia e da questão memorialística. Sua coleção de objetos memorialísticos é limitada (e, talvez, envenenada) por eventos históricos e traumáticos. Acessar a memória, dar o testemunho é, portanto, restritivo. Essa crítica autobiográfica, de acordo com Lejeune, permite a Perec criticar memória e História. A importância do testemunho em Perec é a crítica radical à experiência, de acordo com Lejeune. Assim seus escritos

são “oblique, multiple, shattered and at the same time endlessly turning around the unspeakable” (LEJEUNE, 1990:8).

Apesar da palavra “unspeakable” ser uma constante nos testemunhos, principalmente primários, os sobreviventes continuaram a escrever e a contar seus traumas. De acordo com Suleiman o problema de Perec em *W ou memória da infância* é inventar a sua própria forma de escrever o que aconteceu. “The problem, as Perec well knew, was not whether “it” could be written, but *how* it could be written” (SULEIMAN, 2006:188).

A forma autobiográfica de Perec é uma possibilidade literária e criativa.

Dans l’autobiographie traditionnelle, le narrateur adulte est identifié avec l’auteur qui domine et organise le texte. Le récit s’y constitue selon un fil événementiel, repose sur une chronologie extratextuelle, et raconte des contenus de mémoire qui se rattachent à des événements vérifiables. Ces soubassements concrets permettent au récit autobiographie traditionnel de dissimuler la distinction entre ses composantes vérifiables et inventées. Perec, par contre, met en relief cette distinction, tout comme il maintient dans Un homme qui dort une stricte distinction entre les scènes de la somnolence et celles de l’état de veille. Il juxtapose à son récit d’enfance un récit fictionnel et à son narrateur autobiographique un second narrateur fictif; il met en scène non pas des contenus de mémoire mais le procès de leur invention ou de leur remémoration (MONTFRANS, 1999:154)

Perec busca, portanto, reunir as limitações das memórias infantis com as memórias traumáticas da *Shoah*. Através de sua literatura e de suas limitações, Perec procura incessantemente relacionar seu testemunho com sua infância.

Infância

Definir infância e a capacidade de lembrar/entender determinados e específicos acontecimentos é bastante complicado. Porém é de comum acordo entre os psicanalistas e psicólogos cognitivos, que a idade de onze anos² seria uma primeira fronteira entre o desenvolvimento infantil e sua capacidade de ter memória pessoal. Antes dessa idade, estaríamos em um período de ‘latência’: uma adolescência primitiva que não é capaz de reter e entender muitas informações. Logo depois dessa primeira fase, já teríamos então uma capacidade de abstrair e um vocabulário específico para nomear a própria experiência, habilidades que faltam em crianças

mais novas. Além disso, antes desse limiar de onze anos, a criança não teria consciência de todas suas memórias e muito pouco vocabulário para expressar o trauma vivido (SULEIMAN, 2004).

Em *W*, Perec trabalha com a infância, os traumas e os limites da linguagem ao se lembrar de quando era uma criança da Cruz Vermelha. Esses recursos utilizados por Perec podem ser relacionados ao discurso da infância apresentado por Giorgio Agamben:

Se a condição própria de cada pensamento é avaliada segundo o seu modo de articular o problema dos limites da linguagem, o conceito de infância é, então, uma tentativa de pensar estes limites em uma direção que não é aquela, trivial, do inefável. O inefável, o “inconexo” [*irrelato*] são de fato categorias que pertencem unicamente à linguagem humana: longe de assinalar um limite da linguagem, estes exprimem seu invencível poder pressuposto de maneira que o indizível é precisamente aquilo que a linguagem deve pressupor para poder significar. Ao contrário, o conceito de infância é acessível somente a um pensamento que tenha efetuado aquela “puríssima eliminação do indizível na linguagem” que Benjamin menciona em sua carta a Buber. A singularidade que a linguagem deve significar não é um inefável, mas é o supremamente dizível, a *coisa* da linguagem (AGAMBEN, 2008:10-11).

Perec se encontra no limite e na singularidade da linguagem: busca na memória da infância a sua “puríssima eliminação do indizível na linguagem” e testemunha a inefável *Shoah* da mesma forma que “os poetas – as testemunhas – que fundam a língua como o que resta, o que sobrevive em ato à possibilidade – ou impossibilidade – de falar. [...] Não enunciável, não arquivável é a língua na qual o autor consegue dar testemunho de sua incapacidade de falar” (HEIDEGGER *apud* GAGNEBIN, 2008b:11). Seja na busca pela infância não arquivável ou em seu testemunho não enunciável, há sempre em Perec a ficção, como escreveu Jacques Derrida: “o testemunho ‘jura dizer a verdade’, promete a sua veracidade ficcional. Mas aqui mesmo onde ela não cede ao perjúrio, a atestação não pode não manter uma agitada cumplicidade com a *possibilidade*, ao menos, da ficção” (DERRIDA, 1998:1).

Em relação às crianças sobreviventes da *Shoah* podemos enumerar três diferentes grupos: crianças muito novas para se lembrarem (em torno de três anos); crianças velhas o suficiente para se lembrarem, mas muito novas para entenderem (entre quatro e dez anos) e crianças velhas o suficiente para se lembrarem, mas muito novas para serem responsáveis (entre onze e quatorze anos). Entender e ser responsável são termos relativos e subjetivos, mas que podem ser indícios para uma primeira abordagem da infância.

² O número onze é um palíndromo. Um estudo mais detalhado sobre a fixação de Perec pelo onze pode ser encontrado em *Georges Perec*, de Bernard Magné (1999).

Ao estudarmos os relatos, escritos e testemunhos dos sobreviventes primários, quando eram crianças nos Campos de Concentração, percebemos a tentativa de mostrar como se sentiam desamparados nesses lugares terríveis. O testemunho, portanto, seria a busca de expressar, através da linguagem, esse desamparo e carência. Instabilidade de identidade, silêncio, sentimento sempre presente de perda e solidão, falta de lembranças, lacunas em relação à própria juventude e questionamento constante no que se concerne ao *ser judeu* dominam os discursos dos testemunhos primários (SULEIMAN, 2006). Assim escreve Perec sobre essa busca pela fala ausente e sobre seu sentimento de desamparo e carência:

Sempre irei encontrar, em minha própria repetição, apenas o último reflexo de uma fala ausente na escrita, o escândalo do silêncio deles e do meu silêncio: não escrevo para dizer que não direi nada, não escrevo para dizer que não tenho nada a dizer. Escrevo: escrevo porque vivemos juntos, porque fui um no meio deles, sombra no meio de suas sombras, corpo junto de seus corpos; escrevo porque eles deixaram em mim sua marca indelével e o vestígio disso é a escrita: a lembrança deles está morta na escrita; a escrita é a lembrança de sua morte e a afirmação de minha vida (PEREC, 1995a:13)

W é a busca da infância, das lacunas e de seus traumas e, por isso, está relacionado também aos testemunhos primários. Assim escreve Suleiman:

The memory chapters of *W or the Memory of Childhood* are full of holes and gaps that never filled in – indeed, Perec cut out more and more as he progressed, during the six years of writing; and even the W chapters, which promise a story of adventure, suddenly abandon both the narrative and the main character and veer into static (albeit increasingly horrifying) descriptions (SULEIMAN, 2006:190).

Walter Benjamin, assim como Perec, acreditava na infância como possibilidade de resgatar uma história que nos é íntima. O seu “jogo das letras”, como escreve Benjamin, trata da concepção de infância como sendo um jogo que não significa retorno ao início da vida, mas retorno ao sentimento e às vivências de outrora, ao desejo de resgatar os acontecimentos vividos:

[...] nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. Continha em pequenas plaquinhas as letras do alfabeto gótico, no qual pareciam mais joviais e femininas que os caracteres gráficos. Acomodavam-se elegantes no atril inclinado, cada qual perfeita, e ficavam ligadas umas às outras segundo a regra de sua ordem, ou seja, a palavra da qual faziam parte como irmãs. Admirava-me como tanta modéstia podia existir

com tanta magnificência. Era um estado de graça. E minha mão direita que, obedientemente, se esforçava por obtê-lo, não conseguia. Tinha de permanecer do lado de fora tal como o porteiro que deve deixar passar os eleitos. Portanto, sua relação com as letras era cheia de renúncia. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante de minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo (BENJAMIN, 1995:105).

Perec quer resgatar as vivências que não teve. Seus jogos de letras, suas restrições e invenções, são tentativas de rememorar e reviver experiências (inventadas) de outrora. Em *W*, há um trecho que mostra essa possível relação entre os jogos e buscas de Benjamin e o esforço de lembrar em Perec:

Minhas duas primeiras lembranças não são de todo inverossímeis, mesmo se é evidente que as numerosas variantes e pseudoprecisões que introduzi mais tarde nos relatos – falados e escritos – que fiz delas as alteraram profundamente, quando não as desnaturaram por completo. A primeira lembrança teria por cenário o fundo da loja da minha avó. Tenho três anos. Estou sentado no centro da peça, no meio de jornais iídiches espalhados. O círculo da família me rodeia completamente: essa sensação de ceco não se acompanha para mim de nenhum sentimento de esmagamento ou ameaça; ao contrário, é proteção calorosa, amor: toda a família, a totalidade, a integralidade da família está ali, reunida em torno da criança que acaba de nascer (mas eu não disse há pouco que tinha três anos?), como uma muralha intransponível. Todos se extasiavam diante do fato de eu ter desenhado uma letra hebraica, identificando-a: o signo teria a forma de um quadrado aberto em ângulo inferior esquerdo, algo como ⁽³⁾ e seu nome teria sido *gammeth*, ou *gammel*. A cena inteira, por seu tema, sua doçura, sua luz, assemelha-se para mim a um quadro, talvez de Rembrandt ou talvez inventado, que se chamaria *Jesus diante dos doutores* (PEREC, 1995a:21-22).

Nessa passagem, Perec cria uma letra e uma história. A letra inventada é a busca pelo carinho, pelo conforto e pela proteção da família perdida. Ele busca, assim como Benjamin, a infância (perdida) por inteiro, revive reinventado um passado subtraído pela *Shoah*.

³ Perec inventa uma letra hebraica que seria uma mistura entre outras duas: o *gimmel* e *men*.

A infância e a lembrança são muralhas intransponíveis e seu testemunho é limitado e repleto de lacunas. Características desse testemunho podem ser encontradas, também, nos filhos dos sobreviventes (segunda geração). Assim, como escreveu Eli Wiesel sobre a recriação de Auschwitz “yes, one can live thousand miles away from the Temple and see it burn. One can die in Auschwitz after Auschwitz” (WIESEL, 1985:168), Percec revive constantemente os seus traumas, mesmo estando a muitas milhas de distância de Auschwitz e de suas lembranças. A constante repetição, como sugere Paul Valéry, está relacionada a não compreensão: “a nossa memória nos repete o discurso que nós não havíamos compreendido. A repetição responde à incompreensão” (VALÉRY *apud* SELIGMANN-SILVA, 2005:78). Mesmo não estando mais na *Gare de Lyon*, Percec retoma sempre que pode essa despedida para tentar entender e narrar o incompreensível e o inefável, o próprio silêncio das crianças da segunda geração:

Jewish second-generation witnesses to the Holocaust rest on such a fiery pillow. Although they were not in Auschwitz, their lives are lived in the shadow of death camps. These witnesses once removed have a plethora of questions about their identity as Jews and as children survivors. The core question for the second generation remains. What is their connection to the Holocaust? How do they define their relationship to their parents? Their parents suffered, but what have been the effects on the offspring? Where does the second generation fit in the history of the *Shoah*. For this generation, the Holocaust means the eternal *presence of an absence*, that is those who were murdered in the *Shoah* (BERGER, 2001:1).

Presença e ausência são constantes no trabalho de Percec. Questionamento acerca do que é ser judeu, sobre a diáspora, exílio, culpa e *estrangeiridade*, como é característico dos testemunhos primários e secundários, também é encontrado em sua obra.

Je ne sais pas très précisément ce que c'est qu'être juif ce que ça me fait que d'être juif. C'est une évidence, si l'on veut, mais une évidence médiocre, qui ne me rattache à rien; ce n'est pas un signe d'appartenance, ce n'est pas lié à une croyance, à une religion, à une pratique, à un folklore, à une langue; ce serait plutôt un silence, une absence, une question, une mise en question, un flottement, une inquiétude: une certitude inquiète, derrière laquelle se profile une autre certitude, abstraite, lourde, insupportable: celle d'avoir été désigné comme juif, et parce que juif victime, et de ne devoir la vie qu'au hasard et à l'exil. [...] Quelque part, je suis étranger par rapport à quelque chose de moi-même; quelque part, je suis “différent”, mais non pas différent des autres, différent des “miens”: je ne parle

pas la langue que mes parents parlèrent, je ne partage aucun des souvenirs qu'ils purent avoir, quelque chose qui était à eux, qui faisait qu'ils étaient à eux, qui faisait qu'ils étaient eux, leur histoire, leur culture, leur espoir, ne m'a pas été transmis (PEREC, 1995c:58).

Considerações finais

Le réel perecquien a été ravagé d'emblée par l'incursion violente de l'Histoire, le premier tournant décisif dans la vie de Percec s'est produit avant qu'il n'atteigne l'âge de raison, son élaboration du lemme de la réalité a été programmée d'avance. C'est ce vide, laissé para la perte des parents et par la rupture avec leur culture, qui constitue le noyau existentiel et la contrainte originelle dans l'oeuvre de Percec, c'est à cette contrainte du vide que les contraintes scripturales vont faire diversion (MONTFRANS, 1999:6).

Em *O que resta de Auschwitz*, Agamben escreve: “se voltarmos agora ao testemunho, podemos dizer que dar testemunho significa pôr-se na própria língua na posição dos que a perderam, situar-se em uma língua viva como se fosse morta, ou em uma língua morta como se fosse viva – em todo caso, tanto fora do arquivo, quanto fora do corpus do já-dito” (AGAMBEN, 2008b:160). Assim, ao trabalhar com infância, memória, invenção e testemunho em *W ou memória da infância*, Percec testemunha sua perda, sua falta e funda sua própria literatura com o que “resta, o que sobrevive em ato à possibilidade – ou à impossibilidade – de falar” (AGAMBEN, 2008b:160).

Os problemas levantados por Percec em relação a ser diferente, estrangeiro, órfão e analfabeto em relação à língua e cultura dos próprios pais, são questões que martirizam sua infância e sua memória (falseada). Com características comuns ao discurso primário e secundário, e permeado pela historicidade e pelas lembranças de uma infância não confiável, Percec constrói sua literatura e reinventa suas memórias buscando alcançar o ‘real’ perdido. Testemunha sua dor, sua impotência, suas privações e seus traumas utilizando a sua peculiar e inovadora literatura, que pode ser lida sob diferentes aspectos, como mostrado neste artigo.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução: Henrique Barigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução: Selvino J. Asmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008b.
- BADIOU, Alain. The event in Deleuze. Tradução: Jon Roffé. Parrhesia. *Journal of Critical Philosophy*, 2006. Disponível em: <<http://www.lacan.com/baddel.htm>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BERGER, Alan L.; BERGER, Naomi (org). *Second generations voices: reflections by children of holocaust survivors perpetrators*. New York: Syracuse University Press, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. *The instant of my death*. California: Stanford University Press, 1998.
- BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du désastre*. Paris: Gallimard, 1980.
- BLANCHOT, Maurice. *L'espèce humaine*. In: Robert Antelm: Texts inédits sur *L'Espèce humaine*, essais et témoignages. Paris: Gallimard, 1996. p. 77-87.
- BURGELIN, Claude. *Georges Perec*. Paris: Seuil, 1988.
- DELEUZE, G. *A dobra – Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus, 1991
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 2.
- DERRIDA, Jacques. *Demeure*. Paris: Galilée, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- LEJEUNE, Philippe. Introduction. In: Perec, *Je suis né*. Paris: Seuil, 1990. p. 7-8.
- LEJEUNE, Philippe. *La mémoire et l'oblique*. Paris: Seuil, 1991.
- MAGNÉ, Bernard. *Georges Perec*. Paris: Éditions Nathan Université, 1999.
- MONTFRANS, Manet van. *Georges Perec: La contrainte du réel*. Éditions Rodopi, Amsterdam – Atlanta, 1999.
- PEREC, Georges. *W ou la souvenir d'enfance*. Paris: Gallimard, 1975.
- PEREC, Georges. *W ou a memória da infância*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.
- PEREC, Georges. *Récit d'Ellis Island*. Paris: P.O.L., 1995b.
- PEREC, Georges. *Ellis Island*. Paris: P.O.L., 1995c.
- PEREC, Georges. Robert Antelm ou la vérité de la littérature. In: Robert Antelm: Texts inédits sur *L'Espèce humaine*, essais et témoignages. Paris: Gallimard, 1996. p. 173-190.
- SCHWAB, Gabriele. *Haunting legacies: violent histories and transgenerational trauma*. New York: Columbia University Press, 2010.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História Memória Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SULEIMAN, Susan Rubin. Expérimentation littéraire et traumatisme d'enfance : Perec et Federman. In: NORDHOLT, Annelise Schulte (org.). *Témoignages de l'après-Auschwitz dans la littérature juive-française d'aujourd'hui*. New York: Rodopi, 2008. p. 81-99.
- SULEIMAN, Susan Rubin. The 1,5 Génération: Thinking about Child Survivors and the Holocaust. In: *American Imago*, v.59, n. 3, p. 277-295, 2002.
- SULEIMAN, Susan Rubin. The 1,5 Génération. Georges Perec's *W or the Memory of Childhood*. In: HIRSCH, M.; KACANDES, I. (éds.). *Teaching the Representation of the Holocaust*. New York: Modern Language Association, 2004. p. 372-385.
- SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of memory and the Second World War*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- WIESEL, Elie. *One generation after*. New York: Schocken Books, 1985.

Recebido: 12 de abril de 2013
 Aprovado: 18 de abril de 2013
 Contato: jacfux@gmail.com